

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

*Jornal do Brasil*

Class.:

87

Data:

27.03.87

Pg.:

### Machadinha de "Chico" traz 5 índios ao Rio

Está causando transtorno intertribal a machadinha do Chico, de Hipertensão. O índio vivido por Stênio Garcia na novela das sete, ao que parece, não tem nada a ver com a tribo dos krahô, norte de Goiás, mas cinco representantes desse povo estiveram ontem no Museu do Índio para explicar aos cara-pálidas a importância da machadinha que a emissora está divulgando "com falta de respeito".

Eles chegaram ao Rio aos cuidados da antropóloga Malu Branti, que morou entre eles durante um ano, conheceu suas danças, seus cantos e algum vocabulário. Os cinco vieram de ônibus, descansaram na casa da antropóloga e, por volta das 16h, surgiram na área externa do casarão, na Rua das Palmeiras. A diretora do museu, Cláudia Meneses, ouviu as reclamações do pa'hi (chefe) Aleixo, bem-humorado e conversador, facilitou a entrevista com os repórteres e deixou os índios à vontade. No meio da conversa, na mais pura tradição xavante, apareceu um gravador. Não se sabe se para gravar pergunta de branco ou conversa de índio. Mas sabe-se que tudo começou quando Juruna levou a engenhoca para Brasília, a fim de gravar "papo de civilizado."

Aleixo — que se apresentou como chefe — não mediu palavras: — Sou índio krahô, não sou novela. Índio krahô não é novela. Não vim para ficar um ou dois dias, nem para criar briga. Vim para combinar. Sou amigo de povo branco, se não fosse, não estava no Rio.

A bronca do pa'hi Aleixo tinha sua razão. A machadinha do Chico não tem sido tratada com o devido respeito e Stênio Garcia não é krahô. Ninguém se lembrou de perguntar como os krahô estavam vendo a novela e se em algum momento o personagem dizia que era krahô:

— Vejo a novela em Itacujá, fica 70 quilômetros distante da aldeia. Lá tem televisão e eu sempre vou lá e vejo a novela. Fico preocupado porque a novela é uma coisa e eu, como índio, sou outra

coisa. Eu não sou novela. A finalidade de estar aqui é para conhecer que eu sou índio krahô, não sou novela — desabafou o cacique.

Os Krahô estavam vestidos com roupas normais, e um deles, além da antropóloga, estava com o rosto pintado de urucum. Alguém quis saber o motivo da pintura, mas não havia motivo. Estava pintado simplesmente porque teve vontade de se pintar, sem nenhuma explicação cultural ou antropológica. Exatamente como as dezenas de curiosos que os rodeavam, entre elas moças com bijuterias urbanas, argolas e anéis.

Pa'hi Aleixo, no entanto, parecia gostar de trocar idéias com os que estavam ali, escutando. E prosseguiu: — **Vejam bem** (sic): assim como dou respeito ao branco, também mereço respeito. Mas não fazer uma coisa sem combinar comigo. Tá tudo errado, não tem nada certo na novela. Não sou de dentro da televisão, sou de dentro da minha aldeia. Não é ninguém que faz **minha cabeça** (sic), não foi branco, eu fiz **minha cabeça**, quem fez foi papai e mamãe. Não vim apresentar violência. Nem matar. De jeito nenhum. Talvez muitos de vocês, senhoras e senhores, ache que estou aqui brigando. Estou falando com autoridade deste meu país, disse o cacique.

Questionado sobre se o personagem índio de Hipertensão afirmou na novela que era krahô, Aleixo respondeu: — Se ele falar (... expressões em Krahô) tais palavras, ele é Krahô. Se não falar, não é Krahô. Quero saber como está sendo esta novela. Minha viagem é por isso. O Kairé (machadinha) é um coração nativo. Foi Deus quem deixou pra mim. Eu estava quase morto. Este país, que os senhores e senhoras puseram o nome de Brasil, na minha fala ninguém vai entender. O kairé é uma peça muito valiosa, não existe dinheiro que pague. Peguei o kairé e levei pra minha casa. Não pode sair na Manchete nem na Globo — insistiu.